

“NEGRÃO” E “NEGRINHA”: UM ESTUDO DA VARIAÇÃO NO TRATAMENTO EM CARTAS AMOROSAS DA FAMÍLIA PENNA

Rachel de Oliveira Pereira*¹²

Resumo: Estudo da variação da forma pronominal *tu* em oposição à forma *você*, na posição de sujeito, em cartas amorosas trocadas entre duas gerações da família Penna, escritas em fins do século XIX e início do século XX. Para a realização da análise, leva-se em conta os pressupostos teóricos da teoria variacionista laboviana (Labov, 1994). Os resultados indicam que no período em questão, a forma *você* aparece ainda se instaurando no sistema pronominal, enquanto o emprego de *tu* ainda é maior.

Palavras-chave: Pronomes, variação pronominal, cartas amorosas.

Abstract: Study of variation of the pronoun *tu* form as opposed to *você*, in the subject position, in love letters exchanged between two generations of the family Penna, written in the late nineteenth and early twentieth century. To perform the analysis takes into account the theoretical assumptions of the theory variationist Labovian (Labov, 1994). The results indicate that during the period in question, the form *você* appear still being established within pronominal system, while employment is still higher than *tu*.

Keywords: Pronouns, pronoun change, love letters.

Apresentação

O presente trabalho orienta-se para o estudo da forma pronominal de tratamento *você* na posição de sujeito, em oposição à forma *tu*, em cartas amorosas, escritas no início do século XX.

Estudos de sincronias passadas realizados com base em materiais diversificados vêm demonstrando que, a partir do século XIX, há uma maior competitividade das formas *você* e *tu* na posição de sujeito. Entretanto, a forma *tu* ainda é a mais empregada, principalmente, em relações simétricas e de intimidade. Já a forma *você* é mais empregada em missivas escritas por mulheres, tendo como uma das hipóteses o fato do *você* possuir um caráter menos invasivo, herdado da forma *vossa mercê*.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro

² Programa de pós-graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, e-mail: oliveira.rpereira@gmail.com.

Considerando tais estudos, propõem-se investigar a utilização do pronome *tu* em variação com a forma *você*, com base em uma amostra composta por cartas pertencentes à família Penna. Este *corpus* é constituído por cartas trocadas entre dois casais desta família ilustre: a grande maioria delas foi trocada entre o casal Affonso Penna (ex-presidente da República) e Maria Guilhermina Penna, entre os anos de 1900 a 1907. Outras cartas foram trocadas entre o casal Affonso Penna Júnior, ou Affonsinho, como era carinhosamente chamado, filho do ex-presidente da República e sua esposa Marieta Penna, no período que vai de 1905 a 1919.

Pretende-se com esta amostra analisar a variação entre *você* e *tu*, na posição de sujeito entre casais pertencentes a gerações distintas, procurando observar se há alguma mudança no que se refere ao tratamento entre as gerações de pais e filhos.

O trabalho levará em conta os pressupostos teóricos da teoria variacionista laboviana (Labov, 1994), visando a identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que determinam o uso dos pronomes de tratamento de referência a segunda pessoa no período em questão. Um dos princípios postulados por Labov (1990, p. 135-56) é de que o gênero estaria fortemente ligado às mudanças e variações que ocorrem na língua. É conveniente lembrar que, nos postulados básicos discutidos em Labov (1990, 1994), diz-se que “na maioria dos fenômenos de mudança linguística, são as mulheres que inovam usando formas “não-padrão”. No entanto, é conveniente mencionar que o comportamento linguístico inovador relacionado às figuras femininas ocorre quando não há estigma relacionado à forma inovadora. Quando há estigma, quem lidera o processo de implementação são os homens e não as mulheres.

Nesse caso, só se pode imaginar a forma *você* como “não-padrão” se for levado em conta que se trata de uma estratégia de tratamento invasora que se instala paulatinamente como pronome a partir da erosão fonética de *Vossa Mercê* > *vosmecê* > *você* e do seu desbotamento semântico (perda gradativa de caráter de reverência). Por outro lado, os estudos têm demonstrado (SOTO, 2001) que *você* no Brasil vinha sendo empregada, desde o século XIX, como forma de prestígio, usada pela elite, até mesmo nas cartas pessoais de pessoas ilustres, referendando que não havia estigma associado à forma no português do Brasil.

Pressupostos teóricos e metodológicos

Em fins dos anos sessenta, através dos estudos sociolinguísticos instaurados por Weinreich, Herzog & Labov (1968), houve uma significativa mudança em relação ao conceito de língua e ao objeto de estudo da Linguística.

O estruturalismo e gerativismo, correntes anteriores ao estudo, concebiam o sistema linguístico como sendo uniforme, homogêneo e estático. E neste contexto, o estudo proposto por Weinreich, Herzog & Labov (1968) revolucionou as correntes linguísticas que existiam até então por considerarem a heterogeneidade uma característica intrínseca a qualquer língua. Assim, a própria língua estaria completamente suscetível às pressões sociais. Nessa nova concepção linguística, a heterogeneidade nas línguas não ocorre de maneira aleatória, mas sim, governada por um conjunto de regras.

Para Weinreich, Herzog & Labov (1968), esse novo modelo que engloba a heterogeneidade linguística, os fatos sociais condicionantes e estilísticos para tais escolhas, permite uma descrição mais adequada no nível da capacidade linguística. Labov (2008, p. 217) tece os seguintes comentários sobre o estruturalismo, destacando a ausência do caráter social aos estudos linguísticos que eram feitos até então:

Por esta razão, a Escola de Genebra saussuriana é freqüentemente mencionada como a escola “social” da lingüística. (...) No entanto, de modo bastante curioso, os lingüistas que trabalham dentro da tradição saussuriana (e isso inclui a grande maioria) não levam em conta de modo nenhum a vida social: trabalham com um ou dois informantes em seus escritórios, ou examinam seu próprio conhecimento de langue. Além disso, insistem em que as explicações dos fatos lingüísticos sejam derivadas de outros fatos lingüísticos, não de quaisquer dados “externos” sobre o comportamento social.

Labov faz duras críticas à “língua” abstrata (2008, p. 218) de Saussure e seus seguidores e a Chomsky que insistiam em não considerar os fatores sociais como relevantes para a mudança linguística. Interessante observar que Labov (1972, p. 215) considera o termo “sociolinguística” enganoso e redundante, já que, segundo ele, a língua seria uma forma de comportamento social, “usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, idéias e emoções uns aos outros.”

Segundo o autor, este termo seria bastante amplo e abarcaria em si áreas de estudo que deveriam se chamar “sociologia da linguagem” e “etnografia da fala” (p. 215-16).

Segundo Mollica (2003) seria impossível desvincular a língua da sua função sociocomunicativa. Assim, em sua concepção, a sociolinguística é entendida como um espaço de investigação interdisciplinar, que age nas fronteiras entre língua e sociedade, focalizando principalmente os empregos concretos da língua.

Desta maneira, parte-se da percepção de que todas as línguas possuem a mudança como característica intrínseca, essencial, ou seja, são heterogêneas e completamente dinâmicas: “(...) todas as línguas naturais humanas apresentam um dinamismo inerente, o que vale dizer que elas são heterogêneas por natureza.” (MOLLICA, 2003, p. 13).

Pode-se definir a sociolinguística, em sentido mais abrangente, como um dos ramos da linguística que estuda, justamente, a correlação entre os aspectos linguísticos e sociais. Conclui-se que a investigação sociolinguística possui como foco de estudo a heterogeneidade do sistema linguístico, visto que o fenômeno da variação é seu objeto. “Em outras palavras, focaliza a existência de formas variantes que se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe ou morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico ou no domínio pragmático-discursivo” (MOLLICA e BRAGA, 2003).

Naro (2003) comenta que a heterogeneidade linguística seria regulada por um conjunto de regras, não ocorrendo de forma aleatória. Desta maneira, da mesma forma que existem regras que obrigam o falante a usar determinadas formas e não outras (*a casa* e não *casa a*, por exemplo) também há regras variáveis que funcionam para favorecer ou desfavorecer o uso de uma ou outra das formas variantes a depender do contexto. Isto pressupõe que, na língua, variantes podem estar em competição – ora ocorrendo uma, ora ocorrendo outra dessas variantes – mas de acordo com o pressuposto básico, seria possível identificar uma série de categorias independentes que influem nesse uso, sendo elas internas ou externas ao sistema linguístico.

Assim, o papel da sociolinguística consiste em: (i) pesquisar o grau de estabilidade ou mutabilidade do fenômeno variável, (ii) observar quais são as circunstâncias que favorecem ou não os usos alternativos e (iii) antever o

comportamento sistemático e regular da variação. Para isso, é necessário na análise linguística, considerar a inter-relação entre os fatores internos e externos ao sistema.

Na seção seguinte, apresenta-se uma breve descrição do *corpus* utilizado para análise, já que informações biográficas dos interlocutores fazem-se essenciais para uma análise sócio histórica do material em termos da sociolinguística histórica.

Descrevendo o *corpus*: a família Penna

O *corpus* utilizado para esta análise é constituído por 62 cartas³ pessoais da família Penna. Esta família é oriunda de Santa Bárbara, interior de Minas Gerais e configura-se por ser uma importante família de políticos. O seu mais ilustre representante é o ex-presidente da República Affonso Penna, seguido de seu filho primogênito Affonso Penna Júnior, que também teve importante vida política.

A amostra, portanto, é composta por cartas amorosas trocadas entre dois casais de gerações diferentes da família Penna: 46 missivas foram trocadas entre o casal Affonso Penna e Maria Guilhermina Penna, entre os anos de 1900 a 1907. Outras 16 cartas foram trocadas entre o casal Affonso Penna Júnior e sua esposa Marieta Penna, no período que vai de 1905 a 1919. Para o controle sociolinguístico do material em análise, apresentam-se no quadro 1 informações sobre as cartas amorosas: remetente-destinatário, grau de parentesco, período da escritura e idade do remetente e destinatário:

³ Grande parte do material foi coletada no Arquivo Nacional. Possui o nome de Affonso Penna e Affonso Penna Júnior e possui como código de referência BR AN,RIO ON e BR AN,RIO OO, respectivamente. Outra parte foi cedida gentilmente por Affonso Augusto Moreira Penna, bisneto de Affonso Penna e neto de Affonso Penna Júnior.

Remetente	Destinatário	Parentesco	Número de cartas	Período	Idade do remetente	Idade do destinatário
Affonso Penna	Maria Guilhermina Penna	Esposo	26	1906	59	49
Maria Guilhermina Penna	Affonso Penna	Esposa	20	1900-1907	43-50	53-60
Affonso Penna Júnior	Marieta Penna	Esposo	13	1913-1919	34-40	30-36
Marieta Penna	Affonso Penna Júnior	Esposa	3	1905-1910	22-27	26-31

Quadro 1: A distribuição da amostra

Análise quantitativa: visão geral dos resultados

Serão apresentados, a seguir, os resultados observados na análise quantitativa dos dados, a fim de dar um panorama geral da variação entre *tu* e *você* na posição de sujeito. Os dados foram quantificados e submetidos ao programa estatístico computacional *Goldvarb* para o cálculo das frequências brutas.

Desta forma, na contagem de *tu* e *você* considerou-se apenas as realizações de sujeito, sendo elas: pronome pessoal sujeito realizado plenamente (*tu falas/você fala*) e como sujeito nulo expresso pela desinência verbal (\emptyset *falas*/ \emptyset *fala*). A tabela a seguir apresenta a distribuição dos dados:

Tipos de sujeito	Tu	Você	Total
Nulo	137 93%	9 7%	146
Pleno	7 50%	7 50%	14
Total	144 90%	16 10%	160

Tabela 1: A produtividade do sujeito em cartas amorosas.

Observando os resultados, obteve-se um total de 160 dados de sujeito. Os resultados indicam que a forma pronominal *tu* apresenta maior produtividade, com 144 dados, o que contabiliza 90% das ocorrências. A maior utilização de *tu* em fins do século XIX e início do XX está em consonância com outros estudos realizados em diferentes *corpora*, como (LOPES & MACHADO 2005, RUMEU 2004 e 2008, MACHADO 2006 e 2011). Podem-se ver algumas das utilizações encontradas nas missivas nos dois exemplos abaixo:

(1) “Creio que por esquecimento **deixaste** | ficar aqui uns papeis de que **precisas** | talvez. São uns abaixo assignados aos | Juizes de direito. Si realmente **careceres** | delles manda-me dizer para que eu | os remetta pelo correio.” (Carta de Marieta Penna a Affonso Penna Júnior em 12/04/1905)

(2) “Já estava pensando | que tinha sido esquecido, que **você** não sentiu falta | nem saudade do maridinho e minha tristeza era | tão grande, que nem coragem tinha de ranzinzar. (...) Continue a escreval-as | assim, minha Negrinha, pois bem **sabe** que | **você** é a unica, razão e o unico encanto de mi- | nha vida attribulada. **Você** e os meus filhi- | nhos, parte da minha alma.” (Carta de Affonso Penna Júnior à Marieta Penna em 16/03/1919)

A tabela evidencia que o pronome *tu* é empregado majoritariamente nulo, com 93% de frequência. Por outro lado, no que diz respeito ao sujeito pleno, chama atenção a baixa incidência de sujeitos preenchidos: apenas 14. E o fato de *tu* e *você* possuírem a mesma porcentagem de utilização: 50% para cada um. Em outros trabalhos de mesmo cunho⁴, a forma *você* aparece sendo majoritariamente empregada preenchida, o que não ocorre nessa amostra. A mesma porcentagem de utilização entre as duas formas pode ser explicado pelo caráter amoroso das cartas que exigiriam o preenchimento desta posição. Abaixo seguem alguns exemplos desta ocorrência:

(3) “Tinha andado | em verdadeira [*dobadoma*]; mas o coração | está longe, bem longe do Rio: **tu sabes** em poder | de quem elle se acha.” (Carta de Affonso Penna para Maria Guilhermina Penna, em 15/05/1906)

(4) “Eu tenho tantas | saudades da *minha* irmã fallo sempre | nella comtigo, e **tu** me **consolas** com | tanta paciencia. Então te amollo? | Prometas, nunca mais me magoar as-

⁴ Ver Rumeu (2008), Lopes & Cavalcante (2011), Machado (2011).

| sim, pois fiquei *mu*ito triste; e de fallares | sempre e sempre n'elle.” (Carta de Maria Guilhermina Penna para Affonso Penna, em 17/07/1906)

(5) “Elle acha que | **tu** **deves** ter necessidade d’elles e | por isso vão hoje, antes de eu | ter resposta tua.” (Carta de Marieta Penna para Affonso Penna Júnior, em 13/04/1905)

Devido ao fato de os resultados preliminares da variação do sujeito em cartas amorosas terem sido díspares de resultados encontrados em outros trabalhos de mesma temática,⁵ faz-se necessária uma análise mais detalhada do sujeito nas missivas da família Penna, que começará a ser realizada a partir de agora.

Cartas amorosas: a variação no sujeito em duas gerações distintas

Como já foi comentado, a amostra propicia o estudo do tratamento em duas gerações diferentes da família Penna. O casal Affonso Penna e Maria Guilhermina Penna pertence à geração mais antiga, uma vez que nasceu entre os anos de 1840/1850. Já Affonso Penna Júnior e Marieta Penna nasceram por volta de 1870/1880 e, por isso, pertencem a uma geração mais nova. Estudos como o de Duarte (1995) demonstram que seria, a partir da década de 30 do século XX, que a forma *você* teria se implementado no quadro de pronomes do português brasileiro. Portanto, as gerações aqui estudadas se encontram em um período intermediário à mudança. Talvez seja possível afirmar que estas gerações estão em uma fase inicial de implementação da mudança. Desta maneira, haveria uma flutuação na utilização das duas formas. Em hipótese, a geração mais nova estaria mais suscetível à mudança, utilizando mais a nova forma, principalmente pelo fato de ainda ser uma mudança em progresso, ao passo que a geração mais velha, teria um comportamento linguístico mais conservador e usaria, portanto, o pronome *tu*. Esta amostra permitiu que fosse feito um estudo mais abrangente das formas de tratamento, visto que o *corpus* é composto por cartas pertencentes a gerações distintas da mesma família. A tabela 2 apresenta os resultados referentes à variação do sujeito nas duas gerações da família. O valor de aplicação é a forma *tu*:

⁵ Cf. Marcotulio e Silva (2007), Silva (2012).

Fatores	Aplicação/Total	%	PR
Geração de 1840/1850	95/100	95%	0.93
Geração de 1870/1880	48/59	81%	0.01

Tabela 2: A influência do grupo geração na variação entre *tu* e *você* na posição de sujeito. Valor de aplicação *tu*.

Analisando apenas os resultados percentuais, vê-se que as duas gerações favorecem a utilização de *tu* sujeito: 95% e 81%. No entanto, a análise do peso relativo indica que apenas a primeira geração favorece o pronome *tu* (0.93), enquanto a segunda geração favorece a forma *você* (0.01). Embora os percentuais brutos sejam altos nas duas gerações e haja poucos dados no geral, principalmente nas cartas do Affonso e Marieta, a rodada estatística feita com o programa *Goldvarb* (2001) relativiza tais valores indicando em que contextos a forma variante tende a ocorrer.

Cabe comentar uma diferença que a tabela não mostra: a utilização do tratamento não se deu de forma igualitária entre todos os missivistas, por isso, fez-se necessária outra tabela que ilustre essa utilização dispar através de cada remetente:

	Homem		Mulher		Total	
Geração de 1840/1850	Tu	42/42 100%	Tu	53/58 91%	Tu	95/100 95%
	Você	-	Você	5/58 9%	Você	5/100 5%
	Subtotal	42	Subtotal	58	Subtotal	100
Geração de 1870/1880	Tu	-	Tu	48/49 98%	Tu	48/59 81%
	Você	10/10 100%	Você	1/49 2%	Você	11/59 19%
	Subtotal	10	Subtotal	49	Subtotal	59
Total	Tu	42/52 81%	Tu	101/107 94%	Tu	143/159 90%
	Você	10/52 19%	Você	6/107 6%	Você	16/159 10%
	Total	52	Total	107	Total	159

Tabela 3: A variação entre *tu* e *você*, na posição de sujeito, em cartas amorosas, encontrada através do cruzamento dos resultados encontrados em geração *versus* gênero.

A tabela mostra um comportamento antagônico entre homens e mulheres das duas gerações. O homem da primeira geração, Affonso Penna, favorece categoricamente a utilização de *tu*, com 100% de frequência de uso, como se pode observar nos exemplos a seguir:

(6) “Confio que o Cuquinho e as duas Collegiaes | terão mitigado, com suas atrações [*min*] | guices, a falta que **sentes** de Negrão, e que os | netinhos as ajudem nesse [*mister*]. O Tavo | sempre [*inint*] e amoroso, vem ver me | todos os dias, no *que* é imitado pelo Dão. O | Alvaro vae bema muito me tem ajudado | em responder cartas, telegrammas, [*vae*] receber | visitas etc. **Deves** ter tido noticias *minhas* tellegraphicas | todos os dias, por intermedio de Edmundo.” (Carta de Affonso Penna a Maria Guilhermina Penna, em 26/05/1906)

(7) “Tinha andado | em verdadeira [*dobadoma*]; mas o coração | está longe, bem longe do Rio: **tu** sabes em poder | de quem elle se acha.” (Carta de Affonso Penna a Maria Guilhermina Penna, em 15/05/1906)

A missivista Maria Guilhermina, também nascida nos anos de 1850, possui um comportamento semelhante ao de seu marido. Embora a mulher da primeira geração também empregue mais o sujeito *tu*, com 91% de frequência, não se observa mais o uso categórico empregado por seu marido: nas cartas da missivista foram encontrados cinco

dados da forma *você*, que somam 9%, em sua produção. Se for considerado que nas cartas de Affonso Penna não houve um único dado de *você*, é possível perceber que há um comportamento diferenciado entre os dois. O exemplo a seguir representa o único dado de *você* pleno encontrado nas missivas de Maria Guilhermina para seu esposo:

(8) “Affon- | sinho ja levanta agar- | rado na penna *muito* | tremulo; tem dias *que* es- | tá prazenteiro contador | de historias outros como | **você** sabe.” (Carta de Maria Guilhermina Penna a Affonso Penna, em 18/08)

Esta utilização de *você* não parece estar relacionada com nenhuma motivação pragmática. No trecho em questão, observa-se que a missivista relata o comportamento de Affonsinho, filho do casal, mas há uma mudança de referente que passa então a ser o interlocutor Affonso, para quem a carta é dirigida. Desta maneira, se faz necessário o preenchimento da posição de sujeito que serve, justamente, para indicar esta mudança no referente. Como estudos⁶ indicam que a forma *você* era utilizada majoritariamente preenchida, pode ter sido a opção escolhida para se utilizar neste caso em vez do pronome *tu*. A seguir, estão as outras realizações de *você* nas cartas de Maria Guilhermina:

(9) “Ja penso | na falta *que* uma pessoa *muito* tua | conhecida vai me fazer nesse | dia, fica certo que o dia todo | não me **sairá** do pensamento | e do coração.” (Carta de Maria Guilhermina Penna a Affonso Penna, em 30/05/1906)

(10) “Hon- | tem recebi teu telegramma | da Baleia, e fiquei *muito* contar | te de teres tido recepção magestosa | e dei graças a Deos de teres feito | boa viagem e **estar** com saude.” (Carta de Maria Guilhermina Penna a Affonso Penna, em 20/05/1906)

(11) “Durmo acordo varias | vezes sempre contigo no pensamen- | to. Estou afflita que venhas para | teres um pouco de descanso antes | de **ir** tomar conta do Governo.” (Carta de Maria Guilhermina Penna a Affonso Penna, em 17/07/1906)

(12) “Muitos beijinhos das filhinhas | que te pedem abençoão. | Se não **tiver** levado o cartão | da Gita, entregue este.” (Carta de Maria Guilhermina Penna a Affonso Penna, em 31/12)

⁶ Ver Rumeu (2008), Lopes & Machado (2005), Pereira (2012).

Como se vê, dos quatro dados de *você*, em que a forma aparece nula, três deles são de infinitivo pessoal, forma verbal que parece favorecer a utilização nula da forma *você*.

Nas cartas para o esposo, o tratamento preponderante é o *tu* íntimo. Nesse caso a especificidade da amostra deve ter determinado essa mudança de comportamento de Maria Guilhermina. Cabe ressaltar que nas cartas amorosas, o conteúdo temático é centrado na relação amorosa entre o remetente e destinatário e por isso não há grande diversidade temática interna: o amor, a saudade, a importância do outro são assuntos recursivamente presentes. Em termos estilísticos, as cartas de amor costumam ser espontâneas e se caracterizam pela grande intimidade na expressão dos sentimentos causados por um amor forte e recíproco como é o caso da amostra. Por estar centrada na relação, a temática pode estar centrada no destinatário como ocorre nas cartas amorosas do *corpus*, por isso o emprego forte do sujeito preenchido. Além disso, o tom fortemente intimista entre os amantes pode ter favorecido o emprego do sujeito *tu* nas cartas de Maria Guilhermina ao esposo.

Completando o grupo de missivistas que emprega *tu* sujeito em suas produções, está Marieta Penna, com 98% de utilização, como se vê nos exemplos a seguir:

(13) “Querido maridinho || Esperei a tua carta de ontem | para saber si devia continuar | a mandar-te a correspondencia. | Como, porém, nada me **dizias** | a respeito e me **davas** a entender | que ainda te **ias** demorar, resolvi | mandal-a e escrever-te.” (Carta de Marieta Penna a Affonso Penna Júnior, em 20/04/1905)

(14) “O Paisinho disse-me que | não respondeu a tua | carta por julgar que | ja **estivesses** tratando da | volta. Elle acha que foi | esplendida a occasião | para **estares** ahi por causa | de haver muita gente de | fóra vinda para a semana | santa, o que facilita | muito os trabalhos de | alistamento.” (Carta de Marieta Penna a Affonso Penna Júnior, em 24/04/1905)

O fato de Marieta Penna utilizar majoritariamente *tu* sujeito contrariou as expectativas de que a geração mais nova da família utilizaria mais a forma *você*, visto que a missivista só possui um único dado da forma, que está disposto abaixo:

(15) “De todo [o] coração desejo que **tenha** | sido feliz na viagem. Eu felizmente, | estou passando bem.” (Carta de Marieta Penna a Affonso Penna Júnior, em 12/04/1905)

O único missivista que teve um comportamento diferente do visto até então foi Affonso Penna Júnior, que utiliza categoricamente a forma *você*, sem ter nenhum dado sequer do pronome *tu*, como se vê a seguir:

(16) “Queridinha || Hontem e hoje tive o imenso conforto | de receber duas cartas suas. Já estava pensando | que tinha sido esquecido, | que **você** não sentiu falta | nem saudade do maridinho e minha tristeza era | tão grande, que nem coragem tinha de ranzinzar. | Parece que seu coração adivinhou, afinal, tudo | isto, porque as duas cartinhas vieram tão cheias | de affecto e tão noticivas que desfizeram toda | a minha magoa. Continue a escreval-as | assim, minha Negrinha, pois bem **sabe** que | **você** é a unica, razão e o unico encanto de mi- | nha vida attribulada. **Você** e os [*meus*] filhi- | nhos, parte da minha alma.” (Carta de Affonso Penna Júnior para Marieta Penna, em 16/03/1919)

(17) “Fiquei desesperado, pois as saudades | são lascinantes, tanto mais quanto **você** tem | guardado um silencio de martyrizar...” (Carta de Affonso Penna Júnior para Marieta Penna, sem data)

Os exemplos mostram que a utilização de *você* nas cartas de Affonso Penna Júnior não pode ser justificada pela assimetria de tratamento, uma vez que não há qualquer tom de deferência para com sua esposa. Além disso, as cartas escritas pelo missivista são de teor pessoal, em que se emprega um tom afetuoso e intimista. Não é possível identificar qualquer motivação pragmática para o emprego da nova forma.

Nesse sentido, o emprego de *você* nas cartas de Affonso Penna Júnior parece indicar um uso mais generalizado da forma tratamental. O missivista é o único que emprega a forma *você* em sua produção escrita como uma verdadeira variante do pronome de segunda pessoa, em que é possível observar que a nova forma ocupa os mesmos espaços discursivo-funcionais do pronome *tu*.

Os resultados encontrados a partir da análise das cartas amorosas trocadas entre dois casais da família Penna impossibilitam afirmações conclusivas e determinantes. No que se refere ao fato de a Marieta Penna, a mulher da segunda geração, utilizar predominantemente o pronome *tu*, não indica que a hipótese de que a geração mais nova estaria mais propensa a utilizar a nova forma não tenha se confirmado, uma vez que Affonso Penna Júnior utiliza *você* de maneira categórica.

Cabe ressaltar que tais resultados são fruto de uma amostra pertencente ao período de transição entre o pronome *tu* e a forma *você*, em que a mudança ainda não se instaurou de fato. Desta maneira, o *corpus* reflete a diversidade tratamental que havia no período em questão, o que faz com que os missivistas não tenham comportamentos linguísticos homogêneos, e sim, distintos entre si.

Considerações finais

A partir da breve análise de algumas cartas trocadas entre membros da família Penna, pode-se fazer algumas constatações sobre a questão da distribuição das estratégias de referência à segunda pessoa.

De maneira geral, corroborando com outros estudos de mesmo cunho, pode-se afirmar que ainda no início do século XX, a forma pronominal *tu* ainda é mais empregada em missivas de cunho pessoal e íntimo.

A análise do sujeito em cartas amorosas indica o emprego quase categórico do pronome *tu*, embora a análise do comportamento linguístico de cada missivista tenha se mostrado essencial para identificar o emprego da forma *você* na produção escrita de Affonso Penna Júnior.

Pode-se observar que tal utilização não estava ligada à assimetria de tratamento, nem tinha qualquer motivação pragmática, de modo que pode ser um indício de que a nova forma estaria entrando no sistema pronominal, uma vez que se percebe um alargamento na utilização da nova forma: não houve dados de *você* nas cartas de Affonso Penna, ao passo que tal uso mostra-se categórico na produção escrita de Affonso Penna Júnior.

Desta forma, acredita-se que no período em que as cartas foram escritas, embora houvesse uma maior utilização do pronome *tu*, haveria o início do alargamento na utilização de *você* entre os homens, uma vez que os resultados mostraram que na geração nascida nos anos de 1850 – Affonso Penna – não houve dados de *você*, enquanto que na geração de 1880 – Affonso Penna Júnior – encontra-se um uso mais generalizado do pronome.

Referências

DUARTE, M. Eugênia L. (1993). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 107-128.

FARACO, Carlos Alberto. (1996). “O tratamento *Você* em português: uma abordagem histórica”. In: *Fragmenta*. nº 13. Curitiba: Ed. da UFPR. p. 51-82.

LABOV, W. (1994) *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford: Blackwell.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. -São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

_____. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. In: SANKOFF, D. *et alii.* (eds.). *Language Variation and Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2 (2) 135-56. 1990.

_____. *Language in the inner city: studies in the black English vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LOPES, Célia Regina dos Santos. (2001). Processo evolutivo de ‘Vossa Mercê’ > ‘Você’ (português) e ‘Vuestra Merced’ > ‘Usted’ (espanhol). *II Congresso Internacional da ABRALIN-Associação Brasileira de Lingüística*. Fortaleza: publicação on-line www.letras.ufrj.br/abralin.

_____. & MACHADO, Ana Carolina Morito. “Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre segunda e terceira pessoas nas cartas dos avós”. In: LOPES, Celia Regina dos Santos (Org.). *Norma brasileira em construção: fatos lingüísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro: Pós-graduação em Letras Vernáculas/FAPERJ, 2005, v. , p. 45-66.

_____.; CAVALCANTE, S. A cronologia do voceamento no português brasileiro: expansão do você-sujeito e retenção do clítico-te. (2011). In: http://www.linguisticalfal.org/25_linguistica_030_065.pdf.

MARCOTULIO, L. *A preservação das faces e a construção da imagem no discurso político do marquês de Lavradio: as formas de tratamento como estratégias de atenuação da polidez lingüística*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2008.

MACHADO, Ana Carolina Morito. *A implementação de “você” no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2006.

_____, Ana Carolina Morito. *As formas de tratamento nos teatros brasileiro e português dos séculos XIX e XX*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2011.

MARCOTULIO & SILVA, Paula Fernandes da. (2007). *A norma brasileira em construção: a variação entre tu e você no início do século XX*. Comunicação apresentada no II Congresso Internacional da AILP. Rio de Janeiro.

MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza. (orgs.). (2003). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza. (orgs.). (2003). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto. P. 15-26.

PEREIRA, Rachel de Oliveira. *O tratamento em cartas amorosas e familiares da Família Penna: um estudo diacrônico*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2012

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. (2004). *Para uma História do Português no Brasil: Formas Pronominais e Nominiais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa – Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro: UFRJ - Faculdade de Letras.

_____, Márcia Cristina de Brito. (2008). *A implementação do “Você” no português brasileiro oitocentista e novecentista: um estudo de painel*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa – Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro: UFRJ - Faculdade de Letras.

SILVA, Érica Nascimento. *Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não ilustre*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2012.

SOTO, Eva Ucy Miranda Sa. (2001). *Variação/Mudança do Pronome de Tratamento Alocutivo: Uma análise enunciativa em cartas brasileiras*. Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa, Araraquara: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].